

colocado por ser o emblema da cidade de Lisboa), abandonado no alto mar e traçado com linhas rectas, dá uma ideia de desolação, que decerto não provoca aquelles sentimentos.

Junqueira, Março de 1905.

ARTHUR LAMAS.

Miscellanea archeologica

1. Os archivos de Goa

E muito sensato, muito justo e muito verdadeiro, o artigo que o Sr. Herculano de Moura, distinctissimo official da nossa armada e actualmente governador de Diu, escreve nas *Novidades* sob aquella epigraphe.

Aqui e ahi ninguem desconhece a actividade, o amor, a dedicação, que esse illustre funcionario emprega em todos os seus actos, quer na arma que professa, quer no districto que governa, quer nos estudos a que se dedica. O artigo *Os archivos de Goa* é mais uma exuberante prova do seu devotado zelo pelas cousas d'esta terra, e se o Governo, como é de suppor, o tomar na consideração devida, salvando a tempo os preciosos manuscritos que representam uma riqueza da nação, muito se deverá ao distincto official, que, como verdadeiro portuguez, deseja e quer que a historia da India, ainda bastante confusa, se consulte nos valiosos documentos que ainda possuímos, sem necessidade de que sobre o assunto os estranhos nos dêem lições, nem sempre favoraveis, nem sempre sinceras, nem sempre exactas.

Ha porém nesse artigo uma lacuna que convem preencher, e que o Sr. Herculano de Moura deixou em branco, certamente á mingua de informação, visto a honestidade do seu character, sempre evidenciada, repellir por completo tudo que possa classificar-se de injustiça.

Já houve, e não ha muitos annos, quem pensasse na construcção de um edificio especial, com todos os requisitos relativos e indispensaveis, onde fossem colleccionados todos os documentos e livros de importancia, que se relacionassem com a nossa historia do Oriente, o qual se chamaria *Archivo Geral da India*. Supponho até que a obra foi projectada, falhando a execução á falta dos meios necessarios.

O nome do Sr. Conselheiro Joaquim José Machado está por tal fórma ligado ao ultramar, que difficilmente se poderá passar sobre qualquer cousa proveitosa que lhe diga respeito, ainda a mais insignificante, que por elle não tivesse sido pensada e estudada. Se o projecto do archivo e de outras obras importantes não teve execução,

não se lhe pôde attribuir a culpa; demais trabalhou elle em proveito d'esta terra, que o não esquece, que tantos beneficios lhe deve, sem menoscabo d'aquelles que igual esforço tem empregado, e a quem sou dos primeiros a respeitar.

E feita a declaração, que é devida, oxalá o Sr. Herculano de Moura obtenha agora o que então se não pôde conseguir, e mais uma vez terá jus á gratidão de quem saiba apreciar-lhe os dedicados esforços em proveito do país.

(*Diario de Noticias*, de 9 de Setembro de 1904).

Recebemos do illustre official da armada, Sr. Herculano de Moura, a seguinte carta que gostosamente inserimos em seguida:

Sr. Redactor.—No *Diario de Noticias* de hoje deparei com uma correspondencia da India em que se faz uma ligeira apreciação a uns recentes artigos meus, escritos nas *Novidades*, sobre *Os archivos da India*, salientando, todavia, uma lacuna que o illustrado amavel correspondente do apreciado jornal de V. procura esclarecer.

Devo desde já dizer que ignorava, por completo, a tentativa intelligente e patriótica feita pelo Sr. Conselheiro Joaquim José Machado, quando Governador Geral da India, para uma condigna installação do *Archivo Geral da India*. Servi muito pouco tempo com S. Ex.^a ahí (uns tres meses) e longe da capital d'esse governo; não admira, por isso, que me passasse despercebido mais esse importante serviço com que tão esclarecido e emprehendedor funcionario desejou deixar vinculado o seu nome a uma das mais criteriosas e fecundas administrações da India. Inteiramente do pensar do autor da correspondencia no tocante ás referencias ao Sr. Conselheiro Machado, como por mais de uma vez o tenho affirmado em publicações minhas, gostosa e immediatamente faço a rectificação, ou melhor:—preencho a lacuna apontada, perfilhando a indicação feita nesta correspondencia.

A simples leitura dos meus modestos artigos sobre os documentos da historia da India, que se estão a apodrecer dispersos em varios depositos de Goa, dará logo a nota de que o microbio da politica (muitas vezes em suspensão nas culturas literarias da India), nem a semente da adulação ou o arpêu do despeito, poderiam ter guarida nesses escritos. A propaganda pela palavra e pela penna, em que ando agora empenhado, obedece a um desejo absolutamente sincero de pretender salvar, a tempo, fontes preciosissimas para a nossa historia da India, que vemos tão estimadas e valorizadas no estrangeiro e de que tão pouco ou nenhum caso se tem feito entre nós.



Deixando para o fim os meus agradecimentos pelas captivantes palavras que me dirige o correspondente em Goa do *Diario de Noticias*, nas quaes vejo transparecer relações de velha amizade e manifestados os primores de caracter e de educação de quem se endereça, peço a V. que me releve o espaço que venho de tomar no seu esclarecido diario, e me creia — De V. . . ., etc. — *J. Herculano de Moura*.

Parede, 9-IX-1904.

(*Diario de Noticias*, de 10 de Setembro de 1904).

2. Archeologia do sul de Africa

Beira, 21 de Setembro. — Immensos e ricos, de uma riqueza mineral, sem outra igual em toda a Africa Oriental, os campos auriferos de Manica tem historia de seculos, e as ultimas investigações archeologicas tendem a collocar a Ophir da Biblia dentro ou quasi ao pé d'esta vasta região.

Os melhores filões, até hoje descobertos ali, tem sido, com raras excepções, aquelles onde se encontram as antigas ruinas e subterraneos. Alguns d'estes subterraneos tem mais de 200 pés de profundidade, e as explorações ali feitas tem denotado nelles agua em bastante quantidade e outras vezes as sondagens tem atravessado o mais duro granito.

Por toda a parte em Manica encontram-se vestigios de uma raça, hoje completamente desaparecida da face da terra. E os enormes terraplanos com limalha de ferro que se vêem por toda aquella região denotam que aquelles antigos obreiros conheciam perfeitamente a fundição dos metaes e possuíam alfaias de ferro.

Aquelle povo devia ser evidentemente maritimo. Exercendo o commercio do ouro, não podia deixar de estar em constantes communicações com Sofala, este antigo e historico porto de onde, dizem, saíram os navios levando ouro para o templo de Salomão, e onde tambem, segundo a lenda, embarcou a enamorada rainha Sheba para ver o rei.

Portugal e Inglaterra, que são os unicos senhores de Manica, deviam dar-se as mãos para estudar e conservar devidamente as ruinas d'esta vasta região, onde cada ruina tem a sua historia, e cada pedra tem a sua lenda. Infelizmente, nada está feito, e é pena ver desaparecerem pouco a pouco com a acção do tempo aquelles vestutos escombros que na sua linguagem muda falam-nos das eras passadas.

Sugeriram-nos estas considerações quando, durante a nossa estada de dois annos em Macequece, fomos um dia ver *de visu* a extensa região de Manica, e hoje vemos que ellas estão mais que confirmadas, pela descoberta feita por dois exploradores de minas de algumas reliquias d'aquelles velhos tempos, em 15 de Agosto findo, em Umtali.

Umtali é o antigo Mutali ou Mutassa português. Faz parte da região de Manica, e foi-nos brutalmente arrancado pelos ingleses.

Até não nos respeitaram o nome. Para se lhe tirar toda a originalidade portuguesa, inverteram as primeiras duas letras e chamam agora Umtali ao que foi sempre Mutali. São tempos...

A mais importante d'estas reliquias é um vaso de ouro de fabrico antigo. Tem inscrições hieroglyphicas, que supõe-se ser as escrituras secretas dos velhos cophtas ou phenicios.

Tambem foram encontrados cêrca de vinte aneis de ouro.

São de diferentes feitios e formatos e todos deixam ver na sua confecção um grosseiro e rude trabalho nativo proprio d'aquella epoca.

Todos estes thesouros, de alta importancia para a archeologia, encontraram-se em um campo reservado para a pastagem, e já foram entregues ao administrador de Umtali.

(Diario de Noticias, de 20 de Outubro de 1904).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

Explorações archeologicas em Mertola

Em 16 de Junho de 1904, de manhã, mandou-me a minha casa o Sr. José de Almeida Carvalhaes, Preparador do Museu Ethnologico, a seguinte noticia que vinha publicada n-*O Seculo*:

«Mertola, 15, t. — Foi hoje descoberto por uns trabalhadores, na margem esquerda do Guadiana, junto d'esta villa, e a pequena profundidade, um grande deposito de cantaros de barro de diferentes tamanhos e feitios, tendo alguns duas asas e o fundo em forma de bico, e estando muito cheios de terra e cal. O deposito parece abranger uma grande área, que devia ser explorada».

Como suppus que os cantaros seriam, e de facto eram, amphoras romanas, apenas li esta noticia telegraphei ao meu amigo o Sr. Augusto de Vargas, de Mertola, pedindo-lhe que obtivesse da respectiva autoridade a suspensão dos trabalhos, para se evitarem vandalismos, até que eu mandasse um empregado do Museu fazer escavações methodicas. O Sr. Vargas respondeu-me no mesmo dia á 1 hora da tarde com o seguinte telegramma: *Escrevendo, quando veio telegramma. Escavações ordem da Camara. Vou pedir Presidente suspensão trabalhos.* E ás 3 horas disse-me telegraphicamente mais o seguinte: *Trabalhos suspensos.* Ao mesmo tempo escrevia-me uma carta em que me relatava o apparecimento das amphoras e me enviava esboços de duas, carta que recebi em 17. Em virtude de tudo isto, encarreguei o Sr. Bernardo de Sá, Conductor de Obras Publicas em serviço no Museu, de ir proceder aos trabalhos em Mertola, para onde partiu no referido dia.